

Contributos do estudo sobre o desgarramento na língua falada para a descrição do fraseamento prosódico no Português Brasileiro

Contributions of the study on detachment in the spoken language for the description of prosodic phrasing in Brazilian Portuguese

Aline Ponciano dos Santos Silvestre*

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: O *desgarramento* foi postulado por Decat (1999, 2011), com base numa análise funcional-discursiva, afirmando que algumas orações entre as tradicionalmente chamadas de ‘subordinadas’ pela tradição gramatical podem ocorrer soltas ou sozinhas. Instigado pelo fenômeno, este artigo realiza uma descrição prosódica de orações *desgarradas* e correlaciona-a a reflexões referentes aos fraseamento prosódico no Português do Brasil. Para isso, leva em conta resultados de Tenani (2002) e Serra (2009), concernentes à estrutura entoacional de orações adverbiais e aos correlatos acústicos do fraseamento no PB, respectivamente, que revelam ser o contorno entoacional L+H*H% relativo a sintagmas entoacionais (IPs) hierarquizados e a pausa ser a pista mais robusta no fraseamento de IPs. Foram analisados os parâmetros acústicos duração, pausa e contorno de F0 em 900 orações adverbiais – 450 anexadas à oração matriz e outras 450 lexicalmente idênticas, *desgarradas*, produzidas por cinco informantes oriundas do estado Rio de Janeiro. Os resultados demonstram que a maioria das orações adverbiais produzidas em conjunto com a oração matriz foram delimitadas por contornos melódicos com fronteira baixa (72,7% dos dados - 38,5% de L+H*L% e 34,2% de H+L*L%), ao passo que o contorno L+H*H% esteve presente em 27,3% delas. No que se refere às orações *desgarradas*, completas, o contorno L+H*H% foi majoritariamente produzido (83,5%). Com isso, postula-se que o contorno L+H*H%, referido como “continuativo” na literatura de base prosódica (Gonçalves 1997; Cunha, 2000; Tenani 2002) só traria a ideia de continuidade quando o IP for fraseado sem a saliência de outra pista prosódica.

Palavras-chave: Prosódia. Desgarramento. Fraseamento.

Abstract: The *detachment* was postulated by Decat (1999, 2011), based on a functional-discursive analysis. The author states that some subordinate clauses can occur separated of the main clause or totally alone. Instigated by the phenomenon, this paper performs a prosodic description of *detachment* clauses and correlates it with reflections about prosodic phrasing in Brazilian Portuguese (BP). For this, it takes into account the results of Tenani (2002) and Serra (2009), about the intonational structure of adverbial sentences and the acoustic correlates of the prosodic phrasing in BP, respectively. These works reveal that the intonational contour L + H * H% is correlated with hierarchical intonational

* Professora Doutora, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; aponcianosilvestre@letras.ufrj.br

phrases (IPs) and the pause is the most robust clue in IP phrasing. Duration, pause and F0 contour were the acoustic parameters analyzed in 900 adverbial sentences - 450 attached to the matrix clause and another 450 detached, lexically identical, produced by five subjects from Rio de Janeiro. The results demonstrates that most of the adverbial clauses produced together with the matrix were limited by melodic contours with a low boundary (72,7% of data - 38,5% of L+H*L% and 34,2% of H+L*L%), whereas the contour L + H * H% was present only in 27,3% of data. In the other hand, *detached* clauses, which are complete, the melodic contour L + H * H% was produced in majority (83,5%). Thus, it is postulated that the contour L + H * H%, referred to as “continuation” in prosody-based literature (Gonçalves 1997; Cunha, 2000; Tenani 2002) would only bring the idea of continuity when the IP is phrased without another prominent prosodic clue.

Keywords: Prosody. Detachment. Phrasing.

1 INTRODUÇÃO

O *desgarramento*, como um procedimento sintático, foi postulado por Decat (1999, 2011) com base em uma análise funcional-discursiva. Ao descrever o fenômeno, a autora defende a possibilidade de algumas orações – principalmente as adverbiais, ainda que tratadas como subordinadas a outra oração pela tradição gramatical, poderem ocorrer sozinhas. Tal procedimento seria licenciado pelo fato de a oração que se ‘desgarra’ formar uma unidade de informação à parte, nos termos de Chafe (1980)¹.

As análises empreendidas por Decat estiveram sempre baseadas em textos escritos, conceituando como *desgarradas* tanto as orações que ocorrem totalmente soltas - como (1) ‘Se eu ganhasse na Sena!’² - quanto sentenças separadas da tradicional oração principal por uma pontuação não canônica - como (2) ‘Esse caso com a modelo Lilian Ramos realmente foi uma tragédia. Apesar de Itamar ser um senhor solteiro e o ambiente ter sido de Carnaval’. Com isso, e tendo como alicerce o referido conceito de Chafe (1980), a autora afirma, em análise preliminar, que o *desgarramento* na língua falada tende a se materializar, prosodicamente, através de um contorno final de cláusula e pela pausa que antecede a oração *desgarrada* (Decat, 2011, p.128), como exemplificaríamos os trechos em negrito a seguir:

¹Chafe (1980), em texto sobre o desenvolvimento da consciência na produção de narrativas, afirma que uma propriedade facilmente observável da fala espontânea é o fato de ela ser produzida em séries de curtos jatos, jatos esses que, de acordo com o autor, Halliday (1967) nomeou como “*information units*”, Gremis (1975) chamou de “*information blocks*”, Crystal (1975) cunhou como “*tone – units*” e Kroll (1977) verbalizou como “*idea-unit*”, termo que Chafe (1980) adota a princípio, afirmando que há critérios óbvios na identificação das “*idea units*”: “um é a entoação – a maioria das *idea units* termina com um contorno que pode ser apropriadamente chamado de ‘*clause-final*’ (...). O segundo fator é a pausa: *idea units* são tipicamente marcadas por pelo menos uma pausa breve, frequentemente uma quebra leve no tempo.” (Chafe 1980, p.14).

² Exemplo retirado de Decat (2011, p.25).

(3) os sindicatos são entidades portanto...que são obrigadas... a pagar o chamado imposto sobre a renda...porque são entidades sem fins lucrativos (Neves, 1999 apud Decat 2011, p.106)

(4) e tinha o parto...que era outro risco...porque eu tenho uma queda de pressão::violentíssima né? (Neves, 1999 apud Decat 2011, p.106)

Apesar das colocações referentes à pausa e ao “contorno final de enunciado” como norteadores para o estabelecimento do fenômeno estudado na língua oral, Decat (2011) afirma que sua análise da língua falada considera somente o reconhecimento auditivo e que a análise dos dados submetidos às ferramentas do *Praat* confirmaria muito do que já se percebeu auditivamente.

Todavia, um olhar mais atento aos trechos exemplificados em (3) e (4) revela que, se considerarmos a pausa e o contorno final como parâmetros norteadores para a definição da oração causal como característica do *desgarramento* na língua falada, havemos, muito provavelmente, de considerar a completiva nominal e a relativa (sublinhadas) também como exemplos de cláusulas³ *desgarradas*, uma vez que são antecedidas pela mesma pontuação indicativa de pausa e, de acordo com nosso conhecimento da entoação do português brasileiro, também possuem a possibilidade de serem enunciadas com contorno final descendente.

Quando o ponto de vista prosódico de fato se coloca, portanto, o questionamento sobre a caracterização entoacional das ditas orações *desgarradas* nos faz posicionar o exemplo (1) e os exemplos (2), (3) e (4) em dois grupos distintos. Isso porque, ainda que com pontuação não prevista pela tradição gramatical na escrita ou com pausa na fala, a oração ‘principal’ das orações adverbiais em (2), (3) e (4) são facilmente recuperadas no texto, ao passo que a oração em (1) é *totalmente desgarrada*, uma vez que não há mais nada no enunciado.

Tendo em mente estudos sobre o fraseamento prosódico no PB (Serra, 2009; Fernandes-Svartman et al., a sair; Serra, 2016), sabemos que a pausa e o alongamento são estratégias recorrentes para a delimitação de constituintes. Desse modo, falar em *desgarramento* na língua oral com base em dados como os de (2), (3) e (4) parece prematuro e inconsistente quando se levam em conta, de fato, estudos sobre a estrutura prosódica do português. Tal inconsistência levou Silvestre (2017) a considerar, em estudo sobre o *desgarramento* na língua falada, apenas exemplos como os de (1) e, num recorte do trabalho da autora, é sobre a caracterização prosódica de orações cunhadas como *desgarradas totais* e sua contribuição para os estudos do fraseamento no PB que versa este artigo.

A fim de cumprir o propósito de refletir sobre a relação entre *desgarramento* na língua falada e as fronteiras prosódicas no PB, a seção seguinte elucidará o aporte teórico que suporta este trabalho. Na seção 3, explicamos o corpus e a metodologia adotada na análise dos dados para, na seção 4, demonstrarmos os resultados obtidos

³ O termo *cláusula* é majoritariamente citado nas análises funcionalistas, pois, nesta visão teórica, são assim definidas as estruturas que constituem unidades de informação e que podem conter ou não verbos, embora normalmente sejam tomados como sinônimo de ‘oração’.

sobre o *desgarramento* na língua falada e, por fim, na seção 5, tecermos nossas conclusões acerca da contribuição que a análise empreendida traz para as reflexões sobre o fraseamento prosódico no PB.

2 APORTE TEÓRICO

Tendo sido sedimentado, ao longo dos anos dos estudos funcionais-discursivos feitos por Decat (1999, 2011), o conceito de *desgarramento* e a possibilidade de orações adverbiais ocorrerem sozinhas, o ponto de vista que aqui se coloca prevê uma discussão que, muito diferentemente dos estudos da autora, tem como ponto de partida uma assunção fonológica: a oração *desgarrada total* é um sintagma entoacional (IP) e um enunciado (U). Uma vez que IP e U são, respectivamente, domínios de um contorno melódico e de uma unidade de sentido, tal oração traz consigo, necessariamente, uma caracterização prosódica própria que permite sua interpretação sozinha. Com base nessa afirmação, as subseções a seguir versarão brevemente sobre as correntes teóricas que embasam nossa análise (2.1 e 2.2) e sobre trabalhos que nos servirão de base na reflexão sobre como o *desgarramento* contribui para o conhecimento da realização de fronteiras prosódicas no PB (2.3).

2.1 A Fonologia Prosódica

Segundo os postulados da Fonologia Prosódica, a corrente fônica está dividida em fragmentos hierarquicamente organizados - os constituintes prosódicos - os quais estão delimitados por diferentes indícios. De acordo com a teoria formulada por Nespor & Vogel (1986, 1994), os constituintes prosódicos, distribuídos de forma decrescente na hierarquia, são o ‘enunciado fonológico’ (*U – Utterance*), o ‘sintagma entoacional’ (*IP – Intonational Phrase*), o ‘sintagma fonológico’ (*PhP – Phonological Phrase*), o ‘grupo clítico’ (*CG – Clitic Group*), a ‘palavra fonológica’ (*PW – Prosodic word*), o ‘pé’ (*F – Foot*) e a ‘sílabas’ (*Syl – Syllable*).

Uma das importantes asserções da referida teoria reside em admitir que a fonologia está em interface com outras áreas gramaticais e que os diversos constituintes prosódicos são definidos por regras que se utilizam de diferentes tipos de noções gramaticais para cada nível da hierarquia. Sendo assim, assume-se que a fonologia não é autônoma e que está em interface com a estrutura sintática; todavia, nos níveis mais altos da hierarquia, a relação entre fonologia e sintaxe é fortemente restrita, uma vez que, para além da sintaxe, há forte relação com outras áreas da gramática, como a semântica. Assim, o caráter geral do tipo de noções não fonológicas utilizadas nas regras de projeção aumenta de acordo com o avanço até domínios prosódicos maiores.

Além de processos estritamente fonológicos que licenciam a distribuição hierárquica dos constituintes (sejam eles segmentais, como o sândi e a elisão, ou suprasegmentais, como o acento e a entoação⁴), Nespor e Vogel (1994) afirmam que

⁴Cf. Tenani (2002), Fernandes (2007), Serra (2009), entre outros, para o PB.

os constituintes da hierarquia prosódica proporcionam estruturas relevantes para o primeiro nível de processamento da percepção da fala, o *parsing* inicial, fornecendo ao ouvinte a base para a reconstrução da estrutura sintática e para a compreensão da mensagem transmitida por uma dada sequência (Nespor e Vogel, 1994, p. 287). Baseando-se nas sugestões de Selkirk (1978) e nas afirmações de Nespor e Vogel (1983a, 1983b), que se utilizaram de dados perceptivos em seus estudos, as autoras salientam que

não são os constituintes sintáticos, mas os constituintes prosódicos os que proporcionam a informação relevante na primeira etapa de processamento de uma sequência de fala. Isso não quer dizer que a estrutura sintática seja irrelevante, mas que só é relevante indiretamente, uma vez que só se faz referência à informação sintática na construção dos constituintes prosódicos que se situam acima da palavra prosódica. *Da afirmação de que são os constituintes prosódicos, e não os sintáticos, os que proporcionam as unidades relevantes para o nível inicial de processamento se segue que toda distinção sintática não refletida na estrutura prosódica não pode ser captada nesse nível de percepção.* (Nespor e Vogel, 1994, p. 288, tradução nossa; grifo nosso)⁵

Ao desenvolver uma proposta prosódica para explicar casos de desambiguação – e tal fato nos interessa particularmente porque, como se verá na seção 3, as adverbiais *desgarradas totais* que estudamos têm interpretação diversa, mas possuem exatamente a mesma estrutura sintática de orações adverbiais anexadas à oração matriz – Nespor e Vogel (1994) declaram que os casos de maior possibilidade de desambiguação são aqueles em que há estruturas prosódicas diferentes no nível do IP, asseverando que

as orações que se podem desambiguar são aquelas em que os diferentes significados correspondem a diferentes estruturas prosódicas. Ao contrário, as orações em que os diferentes significados têm a mesma estrutura prosódica não são desambigáveis, independentemente de sua estrutura sintática. (Nespor e Vogel, 1994, p. 293, tradução nossa; grifo nosso)⁶

Tendo por base tais informações, assim como em Tenani (2002), nossa análise será pautada na observação dos três níveis mais altos da hierarquia prosódica – U, IP e PhP – uma vez que são esses os níveis largamente descritos como responsáveis pela percepção e diferenciação de estruturas. Por esta razão,

⁵ “no son los constituyentes sintáticos sino los constituyentes prosódicos los que proporcionan la información relevante en la primera etapa del procesamiento de una secuencia de habla. Lo cual no quiere decir que la estructura sintática sea irrelevante, sino que es relevante sólo indirectamente, puesto que sólo se hace referencia a información sintática en la construcción de los constituyentes prosódicos que se sitúan por encima del nivel de la palabra. De la afirmación de que son los constituyentes prosódicos, no los sintáticos, los que proporcionan las unidades relevantes para el nivel inicial de procesamiento se sigue que toda distinción sintáctica no reflejada en la estructura prosódica no puede ser captada en este nivel de percepción.” (Nespor e Vogel 1994, p. 288. Tradução de Ana Ardid Gumiel)

⁶ “las oraciones que se pueden desambiguar son aquellas en que los diferentes significados corresponden a diferentes estructuras prosódicas. En contraste, las oraciones en que los diferentes significados tienen la misma estructura prosódica no son desambiguables, independentemente de su estructura sintática.” (Nespor e Vogel 1994, p. 293. Tradução de Ana Ardid Gumiel).

acreditamos serem também esses níveis os mais importantes para que se possam verificar as marcas prosódicas caracterizadoras do *desgarramento* e, aqui, tecermos considerações acerca do comportamento de parâmetros prosódicos nos fraseamentos de IPs.

2.2 Fonologia Entoacional

Para a análise prosódica de orações *desgarradas totais*, além de considerarmos a hierarquia prosódica e seus constituintes, lançamos mão das abordagens feitas pelo modelo autosegmental e métrico (AM) da Fonologia Entoacional, postuladas por Pierrehumbert (1980), Ladd (2008), entre outros. O modelo AM assume que a constituição das melodias se dá por sequências de dois tipos de tons (altos [H] e baixos [L]) e são também dois os tipos de eventos tonais suficientes para descrevê-las: os acentos tonais (*pitch accents*) e os tons de fronteira (*boundary tones*). Entretanto, importa salientar que, apesar de serem utilizados apenas dois tons – H e L – para as inúmeras descrições já existentes, isso não significa que

uma anotação fonológica utilizada para dar conta de um contorno específico de uma dada língua ou dialecto tenha sempre a mesma realização fonética noutra língua ou dialecto. Os acentos tonais devem ser entendidos como unidades fonológicas abstractas e, como tal, sujeitas a variabilidade contextual e a diferentes tipos de implementação em línguas distintas. O mesmo se aplica aos tons de fronteira. (Cruz e Frota, 2011, p.166)

A conjugação do modelo hierárquico e do modelo AM é feita, para o Português do Brasil, em trabalhos como os de Frota e Vigário (2000), Tenani (2002), Fernandes (2007), Serra (2009), Fonseca (2010), Frota et al. (2015), Castelo (2016), Silvestre (2017), entre outros.

Brevemente elucidadas as correntes teóricas que baseiam nossa análise, a subseção a seguir tece considerações relativas aos trabalhos de Tenani (2002) e Serra (2009): este por ser o primeiro a tratar especificamente das características prosódicas do fraseamento no Português do Brasil e, aquele, por, além de ser pioneiro na análise com a visão integrada entre as fonologias prosódica e entoacional no PB, trazer considerações relacionadas aos contornos melódicos que delimitam orações adverbiais.

2.3 Configuração melódica de orações adverbiais e o fraseamento no PB: ideias iniciais

O importante trabalho de Tenani (2002) traz, além de análises detalhadas relativas à aplicação de processos fonológicos e sua relação com os domínios prosódicos, descrição relevante sobre a declaração neutra no PB, descrição essa que tem tido seus resultados corroborados em inúmeras pesquisas (Fernandes 2007, Serra 2009, Silvestre 2012, Castelo 2016, entre outros). Nesta seção, contudo, interessam-

nos especificamente os resultados obtidos pela autora na identificação de algumas estruturas como as de (5), a seguir, uma vez que, como se pode perceber em 5.a, 5.b, 5.c, 5.d e 5.e⁷, a autora acabou por verificar o comportamento prosódico de orações adverbiais anexadas à oração matriz, as quais configuram o primeiro IP de U e que, com vistas à descrição prosódica do *desgarramento*, têm papel importante neste artigo:

- (5)
- a. [[Se você se atrasar,]IP [a Marina vai embora.]IP]U
 - b. [[Antes de partir,]IP [assine o contrato da casa.]IP]U
 - c. [[Quando você vier,]IP [alimente os animais]IP]U
 - d. [[Assim que te viu chegar,]IP [Alice parou de chorar]IP]U
 - e. [[Apesar de haver riscos,]IP [a Alice vai para Souza]IP]U

Os resultados de Tenani (2002), no que tange à configuração do primeiro IP⁸ de U, revelaram que pode haver tanto um tom HL* quanto um tom LH* associado à última sílaba tônica do constituinte, mas que, preferencialmente, ocorre o tom LH* seguido de um tom de fronteira alto (H%). Esta configuração é conhecida, na literatura de base prosódica, como caracterizadora de um tom suspensivo (Cagliari 1992) ou de um “padrão continuativo” (Gonçalves 1997, Cunha 2000) e segundo a autora, em termos de organização de constituintes,

a presença de Hi não apenas delimita um constituinte entoacional, como também parece traduzir a relação hierárquica entre as sentenças. Em outras palavras, embora linearmente possa ser identificada a sequência de dois Is, a relação entre eles é assimétrica, ou seja, os constituintes irmãos não têm o mesmo valor, uma vez que um dos constituintes está incompleto em relação ao outro que se segue. Essa relação é assegurada juntamente com o acento tonal, que preferencialmente se realiza como LH*, associado à última sílaba tônica do I não final. (Tenani, 2002, p. 77)

A configuração melódica LH*H% foi majoritária nos IPs iniciais analisados por Tenani (2002), ainda que eles tenham configurações sintáticas diversas.

É importante mencionar, ainda, que não foi encontrada relação entre a variação na estrutura prosódica e a ordenação sintática dos constituintes, sendo os contornos entoacionais encontrados praticamente os mesmos, como exemplifica (6):

- (6)
1. [[A Alice vai pra Souza,] I [apesar de haver riscos.]I] U
LH* L* LH* L* HL* Li
 2. [[Apesar de haver riscos,] I [a Alice vai pra Souza.]I] U
LH* L* LH* L* L* HL* Li

(Tenani, 2002, p. 81)

⁷ Em Tenani (2002, p. 53), os exemplos 5.a, 5.b, 5.c, 5.d e 5.e são os de número 8.1, 8.3, 8.5, 8.7 e 8.9, respectivamente.

⁸ Tenani (2002) usa um *I* como referência ao IP e um *i* como referência a fronteira final (aqui, %).

Os resultados da autora vão, deste modo, ao encontro dos postulados da Fonologia Prosódica no que se refere ao não isomorfismo entre as estruturas sintática e prosódica. Além disso, são de nosso especial interesse por mostrarem que, independentemente da ordenação sintática ou da semântica veiculada pelas orações, o que importa, para a associação dos acentos tonais e conseqüente significação trazida pela prosódia, é que sejam sintagmas entoacionais (IPs) bem formados.

Serra (2009) estuda a relação entre estrutura prosódica, estrutura entoacional e realização e percepção de fronteiras prosódicas em dados de leitura (LE) e de fala espontânea (FE). A autora salienta a importância da verificação de pistas prosódicas como alongamento silábico pré-fronteira, a variação da frequência fundamental e a pausa para seu estudo, de acordo com outras pesquisas que tratam de questões relativas ao fraseamento (Frota 2000; Elordieta et al., 2005; Frota et al., 2007, entre outros).

As análises empreendidas pela pesquisadora corroboram as asserções de trabalhos anteriores sobre a fronteira de IP, em PE e em outras línguas, demonstrando que a pausa é o principal indicador de fronteira deste constituinte, realizada em 93% dos dados de leitura e 65% dos dados de fala espontânea por ela investigados. Importa mencionar, entretanto, que o alongamento silábico e a gama de variação de F0 pré-fronteira também se mostraram relevantes para percepção da fronteira de IP na fala de algumas informantes da autora, ainda que não produzidos de forma sistemática, o que a fez concluir que

nos dois estilos de fala, a pausa se mostrou determinante para a percepção de uma fronteira de IP, já que um IP percebido quase sempre é acompanhado de uma pausa, ao passo que IPs não percebidos normalmente não são assinalados, ou são assinalados de forma menos consistente, por essa pista duracional. (Serra, 2009, p.107)

A autora observa, ainda, que o número de sílabas ou o número de palavras prosódicas que formam o IP condiciona a percepção da fronteira do constituinte. De acordo com a pesquisadora, quanto maior o número de sílabas (oito ou mais) ou o número de PWs (quatro ou mais) no IP, maior a possibilidade de percepção das fronteiras do constituinte. Em artigo mais recente, Serra (2016, p.65) traz maiores considerações acerca das configurações melódicas observadas em seus dados e, no que tange aos tons de fronteira, afirma que “em termos gerais, fica muito clara a preferência por fronteiras baixas, principalmente em LE”.

Os resultados de Serra (2009, 2016) para o PB desempenham, desse modo, papel de grande relevância para a nossa análise dos dados, uma vez que a fronteira de IP e os correlatos fonético-fonológicos cuidadosamente observados pela autora, como pausa, alongamento e configuração melódica – auxiliar-nos-ão a refletir sobre o *desgarramento* na língua falada, considerando que são as diferenças de fraseamento que possibilitam o entendimento da oração adverbial sozinha.

3 CORPUS E METODOLOGIA

O corpus deste trabalho foi montado a fim de que pudéssemos proceder a uma análise comparativa de orações adverbiais anexadas à chamada oração principal (a partir de agora, referidas por nós como *não desgarradas*) e *desgarradas totais*. Deste modo, as orações que serviram de base para o estudo foram obtidas através de gravações de um corpus de leitura, no qual foram descritas situações em que o uso de orações adverbiais *não desgarradas* e *desgarradas* é possível, o que permitiu a comparação de trechos lexicalmente idênticos.

Todas as situações foram apresentadas em slides e foi solicitado às informantes que, após pensados os contextos, somente as orações-alvo fossem lidas. A pesquisa contou com cinco informantes do sexo feminino, oriundas da região do Grande Rio – alunas de pós-graduação em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O corpus, como um todo, foi composto de 30 orações adverbiais base: 15 que fazem parte de estruturas complexas - com orações adverbiais anexadas à oração matriz, ou seja, *não desgarradas*; e outras 15, correspondentes, *desgarradas totais*. Cada oração foi lida três vezes por todas as informantes, a fim de que pudéssemos confirmar a regularidade das características prosódicas observadas.

Sendo o sintagma entoacional nossa unidade básica de análise, há, em nossos dados, orações adverbiais *não desgarradas* e *desgarradas totais* de estruturas diferentes: orações menores, de nove sílabas, sem ramificação no último PhP; e orações maiores, com treze sílabas, em que o último PhP é ramificado. Considerando os resultados de Serra (2009) para o PB e de estudos anteriores, tais estruturas foram pensadas a fim de que se pudessem testar as hipóteses concernentes à influência do tamanho do IP ou do peso fonológico⁹ na inserção das pistas prosódicas que caracterizam o *desgarramento*.

Foram analisadas 900 orações adverbiais: 225 *não desgarradas* sem ramificação no último PhP (15 frases x 5 informantes x 3 repetições), 225 *não desgarradas* com último PhP ramificado (15 frases x 5 informantes x 3 repetições), 225 *desgarradas totais* sem ramificação no último PhP (15 frases x 5 informantes x 3 repetições) e 225 *desgarradas totais* com último PhP ramificado (15 frases x 5 informantes x 3 repetições).

A seguir, exemplificamos como se deu o processo de obtenção das orações, sendo solicitado às informantes a imaginação dos contextos (indicados por [C:]) com posterior leitura das sentenças em destaque. O mesmo contexto foi apresentado quatro vezes, de forma randomizada, para que fosse feita a leitura das orações *desgarradas* e *não desgarradas*, com ramificação ou não no último PhP:

⁹ Frota e Vigário (2001, p.320), ao tratar de peso fonológico, definem que um constituinte é pesado se: (a) fonologicamente ramificado (i.e. constituído por mais material do que o constituinte fonológico do tipo relevante); ou (b) portador de *propriedades de proeminência* que o distingam dos restantes (e.g. acento de foco prosódico).

[C: O Ricardo é um excelente profissional e não deseja mudar de emprego porque se sente bem onde está. Você, porém, adoraria que ele trabalhasse na sua empresa para que tivessem um grupo mais forte. Conversando com um amigo, você comenta:]

Se o Ricardo desejasse, o grupo seria maravilhoso.

(Não *desgarrada*, sem ramificação no último PhP)

Se o Ricardo desejasse...

(*Desgarrada*, sem ramificação no último PhP)

Se o Ricardo desejasse o emprego, o grupo seria maravilhoso.

(Não *desgarrada*, com ramificação no último PhP)

Se o Ricardo desejasse o emprego...

(*Desgarrada*, com ramificação no último PhP)

De acordo com a mesma configuração do exemplo anterior, todas as orações destacadas para a leitura, aqui apresentadas em sua ramificação ideal, foram as seguintes:

Estruturas com nove sílabas – sem ramificação no último PhP:

[[Se a Joelma]_{PhP} [a ganhou]_{PhP}]IP
 [[Se o Ricardo]_{PhP} [desejasse]_{PhP}]IP
 [[Se o Diogo]_{PhP} [conseguisse]_{PhP}]IP
 [[Quando o Fábio]_{PhP} [me chamasse]_{PhP}]IP
 [[Quando a Ana]_{PhP} [apontasse]_{PhP}]IP
 [[Quando a Carla]_{PhP} [imagina]_{PhP}]IP
 [[Já que o Lázaro]_{PhP} [desejava]_{PhP}]IP
 [[Já que o Leandro]_{PhP} [o procura]_{PhP}]IP
 [[Já que a Marina]_{PhP} [gostaria]_{PhP}]IP
 [[Pra aprovar]_{PhP} [os alunos]_{PhP}]IP
 [[Pra conquistar]_{PhP} [a garota]_{PhP}]IP
 [[Pra enviar]_{PhP} [os pedidos]_{PhP}]IP
 [[Embora a Vera]_{PhP} [suplicasse]_{PhP}]IP
 [[Embora a Lúcia]_{PhP} [o tentasse]_{PhP}]IP
 [[Embora a Carmen]_{PhP} [a quisesse]_{PhP}]IP

Estruturas com treze sílabas – com ramificação no último PhP:

[[Se a Joelma]_{PhP} [ganhasse na loteria]_{PhP}]IP¹⁰
 [[Se o Ricardo]_{PhP} [desejasse o emprego]_{PhP}]IP
 [[Se o Diogo]_{PhP} [conseguisse o trabalho]_{PhP}]IP
 [[Quando o Fábio]_{PhP} [chamasse ao escritório]_{PhP}]IP
 [[Quando a Ana]_{PhP} [apontasse a janela]_{PhP}]IP
 [[Quando a Carla]_{PhP} [imagina as tragédias]_{PhP}]IP
 [[Já que Lázaro]_{PhP} [desejava o perigo]_{PhP}]IP
 [[Já que Leandro]_{PhP} [procura o empregado]_{PhP}]IP

¹⁰ Sabemos que, de acordo com os algoritmos de formação do PhP, o sintagma adverbial ‘[na loteria]’ é usualmente estruturado como um PhP à parte. Entretanto, consideramos ser transitivo direto o verbo que precede tal sintagma e, de forma paralela aos outros IPs aqui analisados, em que o último PhP é composto por duas PWs, decidimos considerá-lo, juntamente com o verbo, como parte de um único PhP.

[[Já que Marina] PhP [gostaria dos enfeites] PhP]IP
 [[Pra aprovar] PhP [os alunos esforçados] PhP]IP
 [[Pra conquistar] PhP [a garota desejada] PhP]IP
 [[Pra enviar] PhP [os pedidos requeridos] PhP]IP
 [[Embora Vera] PhP [suplicasse aos juízes] PhP]IP
 [[Embora Lúcia] PhP [tentasse o resultado] PhP]IP
 [[Embora Carmen] PhP [quisesse a recompensa] PhP]IP

Importa lembrar que, considerando o ponto de vista fonológico aqui adotado, as orações *desgarradas totais*, além de serem um IP, são também um enunciado (U) e, por isso, acrescentamos tal indicação na representação dos constituintes sempre que nos referirmos aos exemplos de *desgarramento*.

3.1 Processo de análise do corpus

Para a efetiva notação prosódica, utilizamos sistema *P_TOBI* (Frota et al., 2007; Frota, 2014), o qual propõe o alinhamento do contorno de F0 a uma série de camadas: uma para anotação de eventos tonais, uma para transcrição ortográfica, uma para anotação de fronteiras prosódicas e outra para comentários da análise.

O sistema de notação *P_TOBI* é feito com o auxílio do programa *PRAAT* (Boersma e Weenick, 2015) de análise acústica e inclui as camadas para associação tonal, para a transcrição ortográfica e para a anotação de fronteiras prosódicas¹¹. Em nossos dados, além da notação feita nas três camadas postuladas pelo *P_TOBI*, utilizamos uma quarta camada para a anotação da duração das sílabas na palavra final (medida em milissegundos).

Uma vez que, como demonstram trabalhos construídos sob a mesma base teórica (Tenani 2002, Fernandes 2007, Serra 2009, Fonseca 2010), a fronteira final é o principal *locus* para a inserção de características prosódicas capazes de diferenciar estruturas em português, todas as aferições concentraram-se na palavra nuclear.

No que concerne especificamente ao alongamento final, alinhamo-nos ao que descreve Serra (2009) em sua análise sobre o fraseamento do PB, e esperamos que ele se manifeste de forma mais expressiva nas sílabas tônica e pós-tônica finais do que na sílaba pré-tônica, já que esta se encontra mais distante da fronteira. Seguindo os passos de análise da autora, assumimos que

para se observar se houve ou não alongamento, deve-se contrastar a sílaba ‘suspeita’ de alongamento, de preferência com outra ‘não suspeita’, pois se as duas alongam juntas, não se consegue evidenciar, em termos relativos, se houve ou não o referido alongamento. A rigor, qualquer sílaba que não alongue poderia ser escolhida para servir de referência, isto é, para contrastar com a postônica. A pretônica 1 é uma boa candidata, pois, (i) além de não alongar (razão principal), (ii) é conhecida a relação ‘ideal’ de sua duração com as demais (tônica e postônica) fora

¹¹ O detalhamento específico das camadas de notação pode ser encontrado em http://labfon.lettras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI/ToBI/ToBI_cv.html

do contexto fronteira (cf. Moraes 1995), e (iii) é ela, como a postônica, uma sílaba átona, ou seja, têm elas durações em princípio mais próximas entre si (do que entre a postônica e a tônica, por exemplo), o que faz com mais frequência ser positivo o índice do alongamento, evidenciando-o melhor. Assim, é mais elegante dizer que a postônica alonga de X% em relação à pretônica, do que dizer que a postônica ‘desalonga’ menos do que o esperado em relação à tônica, por exemplo. (Serra, 2009, p.74)

Uma vez que analisamos estruturas lexicalmente idênticas para a comparação de orações *não desgarradas* e *desgarradas*, a observação da existência de alongamento se deu em duas etapas: 1) através da comparação interssilábica, em que medimos a duração das três sílabas finais da palavra nuclear e descrevemos, separadamente para cada tipo oracional, o percentual de aumento ou descenso das sílabas pré-tônica e pós-tônica em relação à tônica; 2) através da comparação interoracional, em que realizamos a comparação da duração média das sílabas da palavra nuclear em *orações desgarradas* e *não desgarradas*.

No que se refere à pausa, nossa análise priorizou a relação entre a existência ou não de pausa e o tipo de contorno associado a ela na fronteira da adverbial com oração matriz em estruturas *não desgarradas*. A anotação das modulações de F0 foi feita no programa PRAAT e todos os contornos observados – nas fronteiras inicial e final do IP – foram descritos em planilhas do Excel para que, posteriormente, fosse feita a contagem percentual dos contornos predominantemente encontrados.

4 RESULTADOS

4.1 Orações *não desgarradas*

4.1.1 Configuração melódica final de orações adverbiais anexadas à oração matriz

A análise melódica demonstrou que, nas orações *não desgarradas* que formam um IP sem ramificação no último PhP, houve marcação por uma fronteira baixa (L%) em 69% dos dados analisados, o que corrobora a preferência por uma fronteira baixa na delimitação do IP, conforme explicita Serra (2016).

É interessante notar que tal fronteira, em conjunto com o acento tonal L+H* ou com o acento tonal H+L* forma, respectivamente, os padrões melódicos mínimos que são caracterizadores da questão total e da asserção neutra na maioria dos falares brasileiros (Cunha 2000; Tenani 2002; Fernandes 2007; Moraes 2008; Silva 2011; Silvestre 2012, entre outros). Entretanto, tais orações não se confundem com perguntas ou afirmações neutras, o que exemplifica a afirmação de Cruz e Frota (2011) sobre o fato de uma anotação fonológica utilizada para dar conta de um contorno específico poder representar diferentes realizações fonéticas, devendo os acentos tonais e os tons de fronteira serem entendidos como unidades fonológicas abstratas.

Além disso, na produção das orações adverbiais *não desgarradas*, é clara a necessidade de complementação posterior, o que nos faz postular a hipótese de que não somente o contorno L+H*H%, preferido apenas pela informante 2 (cf. Tabela 1) e descrito na literatura da área como caracterizador do padrão “continuativo”, é, de fato, padrão melódico que transmite a ideia de continuidade.

Nos IPs *não desgarrados* com ramificação no último PhP, também houve preferência por uma fronteira baixa – L% (76%) dos dados, ainda que, como dissemos, a ideia veiculada seja de continuação. O contorno melódico L+H*H% foi, novamente, preferido apenas pela informante 2, sendo L+H*L% o preferido pelas informantes 4 e 5 e H+L*L% o preferido pelas informantes 1 e 3.

As Tabelas 1 e 2 sintetizam os resultados obtidos por informante e a Tabela 3 traz uma visão geral dos achados relativos ao contorno entoacional de orações produzidas em conjunto com a oração matriz:

Tabela 1 - Contornos melódicos observados no fim dos IPs *não desgarrados* com PhP não ramificado

<i>Contornos PhP Final - Orações Com PhP Não Ramificado</i>	L+H*H%	L+H*L%	H+L*L%
INF.1	7	14	24
INF.2	29	7	9
INF.3	20	10	15
INF.4	3	37	5
INF.5	10	20	15
TOTAL	69	88	68
%	31%	39%	30%

Tabela 2 - Contornos melódicos observados no fim dos IPs *não desgarrados* com PhP ramificado

<i>Contornos PhP Final - Ips com PhP Ramificado</i>	L+H*H%	L+H*L%	H+L*L%
INF.1	9	3	33
INF.2	26	5	14
INF.3	5	16	24
INF.4	1	36	8
INF.5	13	25	7
TOTAL	54	85	86
%	24%	38%	38%

Tabela 3 - Contornos predominantes no PhP final de orações *não desgarradas*

<i>Contornos PhP Final - Orações Não Desgarradas</i>	L+H*H%	L+H*L%	H+L*L%
PhP Não Ramificado	69	88	68
PhP Ramificado	54	85	86
TOTAL	123	173	154
%	27,5%	38,5%	34,2%

Em relação especificamente à existência de pausas, fator também em análise para a caracterização das orações *não desgarradas*, há, entre as informantes, comportamentos diferenciados, como mostra a Tabela 4:

Tabela 4 - Número de dados delimitados por pausa correlacionados ao contorno melódico

<i>Existência de Pausa</i>	LH*H%	H+L*L%	L+H*L%
Inf.1	4	28	11
Inf.2	0	0	0
Inf.3	4	8	10
Inf.4	5	14	67
Inf.5	0	6	14
TOTAL	13	56	102
%	8%	32%	60%

Os resultados revelam que pausa foi uma pista acústica utilizada consistentemente apenas pela informante 4. Dos 90 dados *não desgarrados* produzidos por cada informante, a fronteira de IP foi delimitada por pausa em 43 (48%) das orações verbalizadas pela informante 1, em 22 (24%) das orações produzidas pela informante 3, em 86 (96%) das orações ditas pela informante 4 e em 20 (22%) das orações verbalizadas pela informante 5. Desses dados, conforme demonstra o Gráfico 1 a seguir, a existência de pausa esteve relacionada aos contornos L+H*L% e H+L*L%, ou seja, à fronteira baixa, em 92% das orações analisadas, ao passo que a correlação de tal pista silenciosa à fronteira alta, referente ao contorno LH*H%, deu-se em apenas 8% dos dados. A informante 2, maior produtora da configuração final LH*H% (cf. tabelas 1 e 2), não delimitou com pausa nenhum dos IPs.

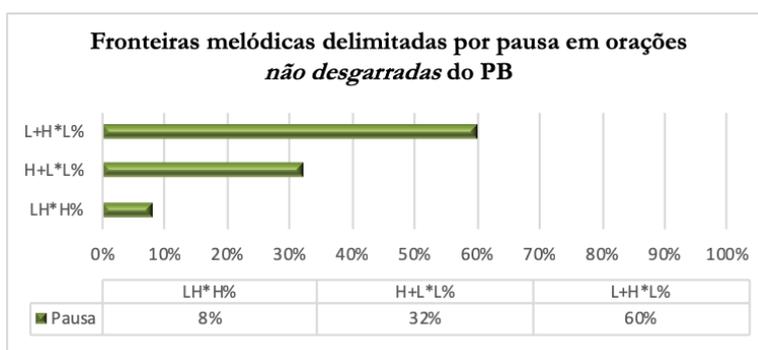


Gráfico 1 - Correlação entre contorno melódico e pausa em orações *não desgarradas* no PB

Tais resultados levam-nos a outras reflexões concernentes ao chamado contorno “continuativo”, que nos faz formular a seguinte hipótese: a configuração tonal L+H*H% é, por excelência, o padrão melódico que transmite a ideia de continuidade em PB apenas quando não aparece combinado com pausa na delimitação do IP. Nos casos em que tal delimitação se dá com a existência de pausa, por exemplo, o conteúdo semântico de complementação é majoritariamente transmitido por contornos entoacionais que apresentam um tom baixo na fronteira do IP.

4.1.2 Configuração da duração no fim de *orações adverbiais anexadas à oração matriz*

Nas orações *não desgarradas* formadas por PhPs não ramificados, a análise do comportamento duracional revelou que, relativamente à sílaba tônica, a sílaba pré-tônica tem duração média 32% menor ao passo que, em relação à mesma sílaba, a pós-tônica dura, em média, 23% menos. Em relação à sílaba pré-tônica, a pós-tônica alonga 12% em média. A Tabela 5 apresenta as médias de duração mensuradas a partir das quais realizamos os cálculos de porcentagem descritos anteriormente:

Tabela 5 - Média de duração das sílabas finais em orações *não desgarradas* com PhP não ramificado

<i>Valores Médios Em Ips Com Php Não Ramificado</i>	<i>Pré-tônica (ms)</i>	<i>Tônica (ms)</i>	<i>Pós-tônica (ms)</i>
Inf.1	139	218	177
Inf.2	160	235	150
Inf.3	177	266	215
Inf.4	183	269	232
Inf.5	185	258	182
Média	168	249	191

A sílaba pós-tônica, portanto, dura mais que a pré-tônica na realização média da maioria dos dados, com exceção dos produzidos pelas informantes 2 e 5.

Considerando as afirmações de Serra (2009) e comparando os resultados relativos à duração com as análises concernentes ao comportamento da F0, podemos concluir, quanto ao fraseamento dos IPs constituídos por orações *não desgarradas*, que há também produtividade de marcação da fronteira pela duração, através do alongamento da sílaba final, uma vez que, à exceção da informante 4, mais de 50% dos IPs produzidos pelas demais informantes não foram delimitados por pausa.

Ademais, considerando que, como demonstrado na subseção anterior, mais da metade dos dados produzidos foi delimitado por um tom baixo na fronteira do IP (à exceção da informante 2, que não delimitou constituintes com pausa e, vemos aqui, também não alonga a sílaba final), fazemos um adendo à hipótese anteriormente formulada no que concerne ao padrão “continuativo”: a configuração tonal L+H*H% é, por excelência, o padrão melódico que transmite a ideia de continuidade em PB apenas quando não há outra pista prosódica saliente na delimitação do IP. Nos casos em que o fraseamento deste constituinte se dá com a influência de outras pistas – como pausa ou o alongamento das sílabas finais – o conteúdo semântico de complementação é majoritariamente transmitido por contornos entoacionais que apresentam um tom baixo na fronteira do IP. Isto é: o contorno L+H*H% transmite, sozinho, o conteúdo de complementação, porém, se há outras pistas prosódicas salientes na fronteira do IP, como pausa ou alongamento final, o referido conteúdo é dado pela combinação de tais pistas ao tom L%¹².

¹² Uma análise estatística inferencial, para comparação do peso dos três fatores e para comprovação da hipótese, é desejável e será posteriormente feita para validação dos resultados.

Tabela 6 - Média de duração das sílabas finais em orações não desgarradas com PhP ramificado

Valores Médios Em IPs Com PhP Ramificado	Pré-tônica (ms)	Tônica (ms)	Pós-tônica (ms)
Inf.1	136	225	160
Inf.2	155	213	142
Inf.3	171	299	199
Inf.4	166	253	196
Inf.5	172	252	182
Média	160	248	175

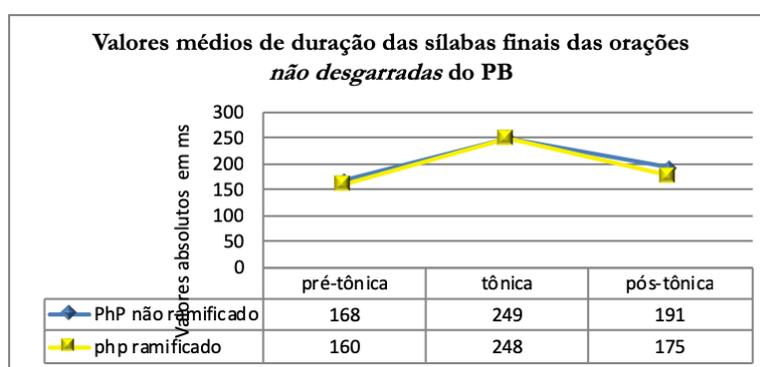


Gráfico 2 - Média da duração na palavra nuclear de orações não desgarradas no PB

Ainda que com números de diferença pouquíssimo robusta, percebe-se um percentual de alongamento proporcionalmente inverso ao tamanho das orações: nas orações menores, com 9 sílabas e sem ramificação no último PhP, o percentual de alongamento da sílaba pós-tônica em relação à pré-tônica é numericamente maior (12% nos IPs menores e 9% nos IPs maiores). Consideramos que tal fato pode ser resultado da influência do tamanho ou do peso dos constituintes, contudo, somente uma futura análise estatística será capaz de nos dar segurança em relação a tal afirmação.

4.2 Orações desgarradas totais

4.2.1 Configuração melódica final de orações adverbiais desgarradas

A análise revelou que, nos IPs desgarrados com PhP não ramificado, a associação do tom L+H* à última sílaba tônica foi predominante, assim como nos dados sem desgarramento. Contudo, diferentemente de tais dados, a fronteira final mais produtiva nos IPs desgarrados é caracterizada pela presença de um tom alto, sendo, portanto, o contorno melódico L+H*H% o majoritariamente identificado (82% dos dados). Além dele, os contornos melódicos H+L*LH% e H+L*L% também foram encontrados, em 10% e 8% dos dados, respectivamente. Estes dois últimos contornos são diferenciados apenas pelo comportamento da F0 na fronteira do constituinte, revelando o contorno H+L*LH% que a descida melódica não é continuada na sílaba pós-tônica. Portanto, não há descida melódica na fronteira dos

IPs que representam orações *desgarradas totais* em 92% dos dados, como revela a Tabela 7:

Tabela 7 - Contornos melódicos observados no fim dos IPs *desgarrados* com PhP não ramificado no PB.

<i>Contornos Php Final - Ips Com Php Não Ramificado</i>	L+H*H%	H+L*LH%	H+L*L%
Inf.1	31	5	10
Inf.2	45	0	0
Inf.3	42	3	0
Inf.4	29	12	3
Inf.5	37	4	4
TOTAL	184	24	17
%	82%	10%	8%

Considerando nosso objetivo de relacionar o estudo do *desgarramento* às reflexões sobre o fraseamento prosódico no PB, cumpre notar que, como já dissemos ao efetuar a descrição das orações *não desgarradas*, o padrão melódico L+H*H% é característico do que se convencionou chamar, na literatura de base prosódica, de contorno “continuativo”. Todavia, ao procedermos a nossa descrição dos dados sem *desgarramento*, salientamos que o referido padrão nos parece ser, de fato, totalmente representativo de um contorno “continuativo” apenas quando não delimitado por pausa ou alongamento. Essa percepção nos é sugerida novamente ao analisarmos, agora, os resultados concernentes às orações *desgarradas totais*, uma vez que tais orações, sempre delimitadas pela pausa e pelo alongamento final, são majoritariamente acompanhadas pelo contorno L+H*H% no fim dos IPs, contorno esse que, nelas, não explicita a necessidade de continuação.

No que tange à configuração melódica final dos IPs com ramificação no último PhP que são orações *desgarradas totais*, os resultados são similares aos verificados nos IPs menores: há, na grande maioria dos dados, a associação do acento bitonal L+H* à última sílaba tônica do IP seguido da fronteira H% (85% dos dados) e também são encontrados, em menor quantidade, os contornos H+L*LH% (11%) e H+L*L% (4), como mostra a Tabela 8. A Tabela 9 posterior traz uma visão geral dos achados relativos ao contorno entoacional de orações *desgarradas totais*:

Tabela 8 - Contornos melódicos observados no fim dos IPs *desgarrados* com PhP ramificado no PB

<i>Contornos Php Final - Ips Com Php Ramificado</i>	L+H*H%	H+L*LH%	H+L*L%
Inf.1	37	7	1
Inf.2	42	0	3
Inf.3	39	6	0
Inf.4	32	11	2
Inf.5	42	0	3
TOTAL	192	24	9
%	85%	11%	4%

Tabela 9 - Contornos predominantes no PhP final de orações *desgarradas* totais

<i>Contornos Php Final - Ips Com Php Ramificado</i>	L+H*H%	H+L*LH%	H+L*L%
PhP não ramificado	37	7	1
PhP ramificado	42	0	3
TOTAL	376	48	26
%	83,5%	10,7%	5,8%

Como se pôde notar nas descrições e tabelas, tanto nos IPs maiores quanto nos IPs menores, a configuração melódica de orações *desgarradas totais* no PB revela que há preferência pela não descida melódica no fim dos IPs (94,2% dos dados), o que, entretanto, não se configura como contorno melódico “continuativo”, no sentido de haver necessidade de complementação fonológica.

4.2.2 Configuração da duração no fim de orações *desgarradas*

Para as orações *desgarradas* formadas por PhPs não ramificados, a análise dos dados revelou que, relativamente à sílaba tônica, a pré-tônica tem duração 40% menor ao passo que, diferentemente do que acontece nos dados de *não desgarramento*, a sílaba pós-tônica tem duração 5% maior. Isto é, nas orações *desgarradas totais* compostas por um PhP não ramificado, a sílaba pós-tônica final alonga não somente em relação a pré-tônica (aqui, 42% maior, em média), mas também em relação à sílaba tônica, revelando ser expressivo o alongamento silábico final e nos fazendo postulá-lo, de fato, como uma das pistas caracterizadoras do *desgarramento*, como mostram os números da Tabela 10:

Tabela 10 - Média da duração das sílabas finais em IPs *desgarrados* com PhP não ramificado no PB

<i>Valores Médios Em Ips Com Php Não Ramificado</i>	<i>Pré-tônica (ms)</i>	<i>Tônica (ms)</i>	<i>Pós-tônica (ms)</i>
Inf.1	160	273	306
Inf.2	177	263	233
Inf.3	185	308	355
Inf.4	181	312	309
Inf.5	181	290	312
Média	176	289	303

Nos dados de *desgarramento* em orações com PhP não ramificado, portanto, é categórico o alongamento da sílaba pós-tônica em relação à pré-tônica e, no que se refere à tônica, a duração da última sílaba só não é maior, em média, nos dados das informantes 2 e 4. Abaixo, a Figura 4 exemplifica os robustos alongamentos constatados:

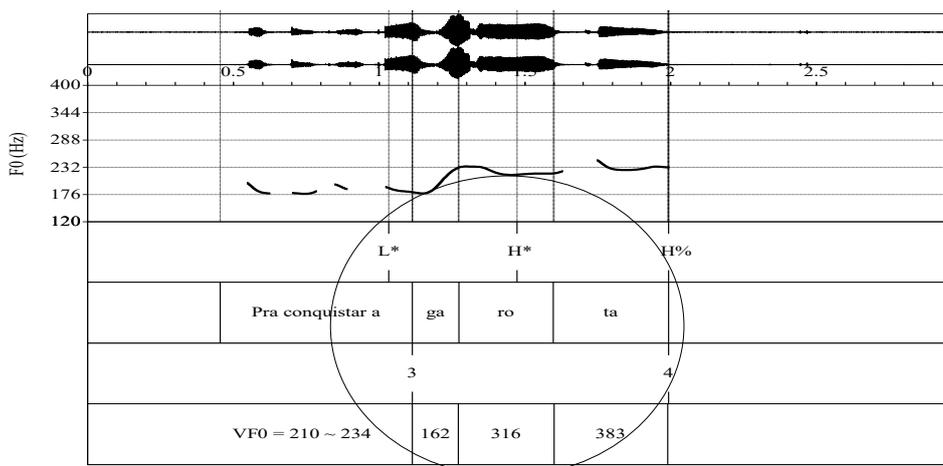


Figura 4 - Alongamento final observado em oração *desgarrada total*: [[Pra conquistar a garota]IP]U

Nos IPs com PhP ramificado que são orações *desgarradas totais*, foi igualmente verificada, em relação à sílaba tônica, duração menor da sílaba pré-tônica (42% a menos). A sílaba pós-tônica, diferentemente dos IPs com PhP não ramificado descritos anteriormente, também apresenta duração média menor do que a da sílaba tônica (menos 4%); entretanto, a porcentagem de decréscimo em relação à sílaba acentuada é consideravelmente menos saliente do que a identificada nos dados *não desgarrados*. Em relação à sílaba pré-tônica, a pós-tônica alonga 40% em média, como denotam os números da Tabela 11:

Tabela 11 - Média da duração das sílabas finais em IPs *desgarrados* com PhP ramificado no PB

<i>Valores Médios</i> <i>Em Ips Com Php Ramificado</i>	<i>Pré-tônica</i>	<i>Tônica</i>	<i>Pós-tônica</i>
Inf.1	140	271	292
Inf.2	161	245	211
Inf.3	175	317	308
Inf.4	173	283	273
Inf.5	170	287	266
Média	163	280	270

Semelhantemente ao verificado nos dados sem *desgarramento*, percebe-se um alongamento proporcionalmente inverso ao tamanho dos constituintes, uma vez que, nos IPs menores, com nove sílabas e sem ramificação no último PhP, o percentual de alongamento da sílaba pós-tônica em relação à pré-tônica é maior. Além disso, no caso das orações *desgarradas totais*, há, inclusive, alongamento da sílaba final também em relação à sílaba tônica nos IPs menores.

A comparação interssilábica revela que o alongamento final, já descrito em outros trabalhos também como caracterizador da fronteira de IP, existe tanto nas orações *não desgarradas* quanto nas orações *desgarradas totais*. Contudo, comparação interoracional da duração revela que tal pista prosódica atua, assim como o contorno melódico, de forma produtiva na caracterização de orações *desgarradas totais* do PB, uma vez que é utilizada de forma bastante saliente na produção das referidas orações.

Nos IPs com PhP não ramificado, a duração média das sílabas pré-tônica e tônica é, respectivamente, 5% e 14% maior nas orações *desgarradas totais* do que nas *não desgarradas*. A duração da sílaba pós-tônica, por sua vez, é em geral 37% maior que a da mesma sílaba em orações sem *desgarramento*. Nos IPs maiores, com ramificação no último PhP, a comparação entre os tipos oracionais leva-nos a resultados similares: a duração média das sílabas pré-tônica e tônica é, respectivamente, 2% e 12% maior nas orações *desgarradas totais* enquanto a duração da sílaba pós-tônica é, em média, 35% maior que a da mesma sílaba em orações *não desgarradas*, conforme demonstram os Gráficos 3 e 4 a seguir:

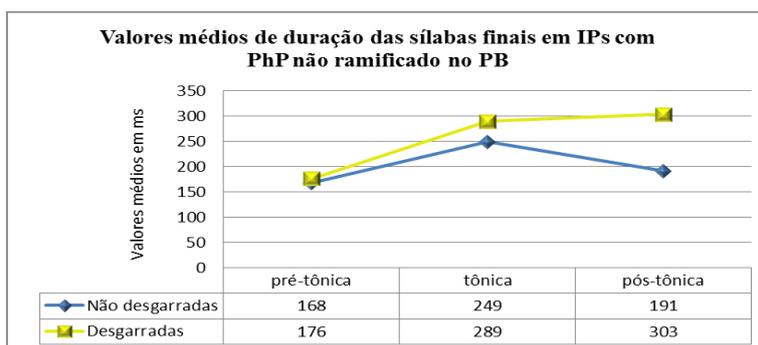


Gráfico 3 - Duração nas sílabas da palavra nuclear em orações *não desgarradas* e *desgarradas* totais sem ramificação no último PhP

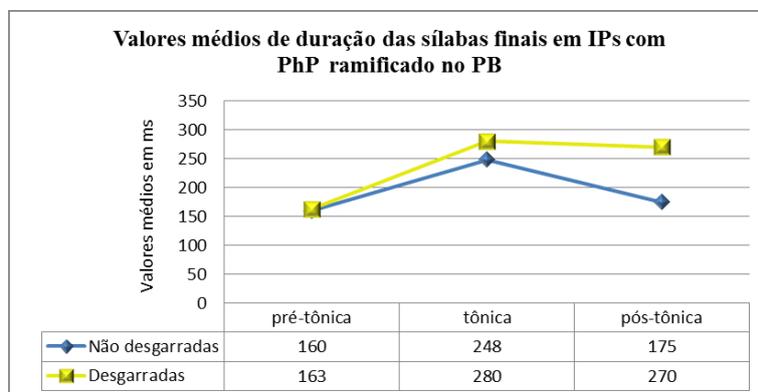


Gráfico 4 - Duração nas sílabas da palavra nuclear em orações *não desgarradas* e *desgarradas* totais com ramificação no último PhP – PB

Quando comparado o comportamento da duração em orações *não desgarradas* e em orações *desgarradas totais*, fica evidente ser alongamento da última pós-tônica característico dos dados de *desgarramento*. Ao analisarmos separadamente o comportamento de cada sílaba, vemos que, nas orações *desgarradas totais*, a duração média da pré-tônica, da tônica e da pós-tônica é relativamente maior do que a das mesmas sílabas em orações *não desgarradas*, o que comprova o alongamento. Entretanto, é o comportamento duracional da sílaba pós-tônica que evidencia, mais claramente, o alongamento final como caracterizador das orações *desgarradas totais*.

5 CONCLUSÕES

A descrição prosódica de orações adverbiais anexadas à oração matriz e de orações *desgarradas totais*, lexicalmente idênticas, revela dados interessantes no que se refere ao fraseamento prosódico do português brasileiro. Isso porque, como demonstrado por nossos resultados, apesar de a literatura da área cunhar o contorno melódico L+H*H% como caracterizador do padrão “continuativo”, sendo a fronteira alta o principal indicador de tal continuidade (cf. Cagliari 1991, Cunha 2000, Tenani 2002), as orações *não desgarradas* do PB, que necessitavam de continuação na produção, apresentaram mais expressivamente o contorno melódico L+H*L% no fim dos IPs¹³.

Tenani (2002) comenta que, além de delimitar o constituinte prosódico, a presença da fronteira alta no fim dos enunciados parece traduzir a relação de hierarquia entre as sentenças, fazendo com que se perceba que o domínio portador da referida fronteira estaria incompleto sem outro constituinte irmão. Nossos resultados, porém, refutam a possibilidade de a presença de H% necessariamente indicar incompletude, uma vez que as orações *desgarradas totais*, completas, foram assim majoritariamente produzidas, inclusive com o tom L+H* associado à sílaba tônica do final do IP. Ademais, as orações *não desgarradas*, incompletas, foram produzidas em sua maioria com uma fronteira baixa e com pausa ao final do IP, o que nos fez postular a hipótese de que o tom H% seria robustamente representante de um contorno ‘continuativo’ apenas quando não acompanhado por outra pista prosódica, como a pausa ou o alongamento silábico.

Além das considerações relativas aos contornos melódicos, o estudo do *desgarramento* na língua falada revela a importância do comportamento duracional no fraseamento prosódico das *desgarradas totais*, o qual funciona, aparentemente, como fator determinante para diferenciá-las das estruturas em que há uma oração matriz em conjunto com a adverbial. O fraseamento de *orações desgarradas totais*, deste modo, exibe duas características prosódicas salientes que permitem sua produção como enunciado completo: contorno melódico L+H*H% e notável alongamento silábico, ambas associadas à fronteira final do IP.

Por serem, em nossa análise, lexicalmente idênticas às orações que foram completadas por outra, os resultados relativos à prosódia de orações *desgarradas totais* nos faz, ainda, em consonância com as afirmações de Nespor e Vogel (1986, 1994), admitir que somente são desambigüizáveis as estruturas em que os diversos significados correspondem a diferentes fraseamentos prosódicos. Ou seja, ao contrário das primeiras descrições sobre *desgarramento* na língua falada, que antes defenderam uma distinção sintática e depois consideraram a pausa e a entoação como elementos auxiliares à materialização do fenômeno, advogamos que, pelos diversificados fraseamentos, é a prosódia, e não a sintaxe, que permite a sua existência.

¹³ Silvestre (2017) realiza teste perceptivo preliminar que confirma os achados na descrição da produção dos dados.

REFERÊNCIAS

- Boesma P, Weenick D. Praat: doing phonetics by computer [programa de computador]. Versão 5.4.08. Amsterdam: Universiteit van Amsterdam; 2015. [citado 16 abr. 2015]. Disponível em: www.praat.org.
- Cagliari LC. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 1992;23:137-151.
- Castelo J. Entoação dos enunciados declarativos e interrogativas no português do Brasil: uma análise fonológica ao longo da costa atlântica. [tese]. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; 2016.
- Chafe WL. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: Chafe WL, editor. *The Pear Stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex; 1980.
- Cruz M, Frota S. Prosódia dos tipos frásicos em variedades do Português Europeu: produção e percepção. In: Costa MA, Falé I, Barbosa P, editoras. *Textos selecionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL; 2011.
- Cunha CS. Entoação regional no português do Brasil. [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2000.
- Decat MBN. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de 'unidade informacional'. *Scripta (Linguística e Filologia)*. 1999;2(4):23-38.
- Decat MBN. *Estruturas desgarradas em língua portuguesa*. Campinas: Pontes Editora; 2011.
- Elordieta G, Frota S, Vigário M. Subjects, objects and intonational phrasing in Spanish and Portuguese. *Studia Linguistica*. 2005;59(2-3):110-143.
- Fernandes FR. *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. [tese]. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 2017.
- Fernandes-Svartman F, Barros N, Santos V, Castelo J. Intonational phrasing and nuclear configurations of SVO sentences across varieties of Portuguese. In: Cruz M, Frota S, editors. *Prosodic variation (with)in languages: intonation, phrasing and segments*. United Kingdom: Equinox Publishing; A sair.
- Fonseca AA. O efeito do peso dos constituintes prosódicos na desambiguação de orações relativas reduzidas. *ReVEL*. 2010;8(15):242-255.
- Frota S, Cruz M, Fernandes-Svartman F, Collischonn G, Fonseca A, Serra C, Oliveira P, Vigário M. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In: Frota S, Prieto P, editors. *Intonation in Romance*. Oxford: Oxford University Press; 2015. p. 235-283.
- Frota S, Vigário M. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: Castro RV e Barbosa P, editores. *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Vol. 1. Coimbra: APL; 2000. p. 533-555.
- Frota S, Oliveira P, Cruz M, Vigário M. P-ToBI: Tools for the transcription of Portuguese prosody. Lisboa: Laboratório de Fonética, CLUL/FLUL; 2015. [citado 16 abr. 2015]. Disponível em: <http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI>.
- Frota S, Vigário M. Efeitos de peso no Português Europeu. *Saberes no tempo: homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*. Lisboa: Edições Colibri; 2001. p. 315-333.

- Frota S, et al. P-ToBI: tools for the transcription of Portuguese prosody. [internet]. Lisboa: Laboratório de Fonética, CLUL/FLUL; 2015. [citado 16 abr. 2015]. Disponível em <http://labfon.lettras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI>.
- Goncalves CAV. Focalização no português do Brasil. [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1997.
- Ladd R. Intonational phonology. Cambridge: Cambridge University Press; 1996.
- Nespor M, Vogel I. Prosodic hierarchy and speech perception. In: La Perciozone del Linguaggio, Anais do Seminário. Florencia, Accademia della Crusca; 1983[a]. p. 339-362.
- Nespor M, Vogel I. Prosodic structure above the word. In: Cutler A, Ladd DR, editores. Prosody: models and measurements. Berlim, Springer-Verlag; 1983[b]. p. 123-140.
- Nespor M, Vogel I. La prosodia. Trad. Ana Ardid Gumiel. 1ª ed. 1986. Madrid: Visor Distribuciones; 1994.
- Neves MH de M. As construções concessivas. In: Neves MHM, organizadora. Gramática do português falado. São Paulo: Humanitas / Campinas: Editora da Unicamp; 1999.
- Pierrehumbert J. The phonology and phonetics of English intonation. [tese]. Cambridge, Massachusetts: Department of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology; 1980.
- Selkirk E. On prosodic structure and its relation to syntactic structure. In: Fretheim T, editor. Nordic Prosody II. Trondheim: TAPIR; 1978. p. 111-140.
- Serra CR. Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura. [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2009.
- Serra CR. A interface prosódia-sintaxe e o fraseamento prosódico no Português do Brasil. *Journal of Speech Sciences*. 2016;5(2):47-86.
- Silvestre APS. “Se eu pudesse e se o meu dinheiro desse...”: desgarramento e prosódia no Português Brasileiro e no Português Europeu. [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2017.
- Silvestre APS. A ‘entoação’ regional dos enunciados assertivos nos falares das capitais brasileiras. [dissertação]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2012.
- Tenani LE. Domínios prosódicos do português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. [tese]. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 2002.
- Tenani LE, Fernandes-Svartman FR. Prosodic phrasing and intonation in neutral and subject-narrow-focus sentences of Brazilian Portuguese. *Proceedings of the Fourth Conference on Speech Prosody*. Campinas: RG/CNPq; 2008. p. 445-448.